



DO CAMPO ESPORTIVO AO CIENTÍFICO: APONTAMENTOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS OLIMPÍADAS

FROM SPORTS TO THE SCIENCE FIELD: APPOINTMENTS ABOUT WOMEN PARTICIPATION IN THE OLYMPIC GAMES

Júlia Fernanda Lemos Backes*

Mauricio Barth**

Gustavo Roesse Sanfelice***

Resumo: A luta feminina por consolidação efetiva no esporte, ainda que de modo recente, tem empoderado a figura da mulher atleta e ampliado seu espaço também em meio às produções acadêmicas. Neste sentido, o presente trabalho objetiva mensurar e analisar a produção científica produzida sobre a temática em âmbito global, utilizando, para tanto, a Plataforma Scopus, que se configura como a maior base de dados de literatura revisada do mundo. Ao fim da pesquisa, estipulou-se um panorama científico que apresentou, em formato quantitativo, a produção por áreas, países, universidades, autores e periódicos entre os anos de 2010 e 2022. Através dele foi possível observar uma crescente significativa em números de publicações vinculadas às áreas de Ciências Sociais e Humanidades durante os períodos olímpicos, principalmente entre países pós-materialistas e de tradição dentro do cenário desportivo.

Palavras-chave: Mulheres no Esporte. Indicadores Científicos. Pesquisa Quantitativa. Jogos Olímpicos.

Abstract: The female struggle for effective consolidation in sport, albeit recently, has empowered the figure of the female athlete and expanded her space also in the midst of academic

* Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Universidade Feevale), especialista em Influência Digital: Conteúdo e Estratégia (PUCRS), bacharela em Publicidade e Propaganda (Universidade Feevale). E-mail: juliafbl@feevale.br

** Doutor em Diversidade Cultural e Inclusão Social, mestre em Indústria Criativa, especialista em Gestão de Marketing, bacharel em Publicidade e Propaganda. Professor em cursos de Graduação e Pós-graduação Stricto Sensu e Coordenador Editorial na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: mauricio@feevale.br

*** Doutor em Ciências da Comunicação, mestre em Ciências do Movimento Humano e bacharel em Educação Física. Coordenador e professor no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: sanfelicegr@feevale.br



productions. In this sense, the present work aims to measure and analyze the scientific production produced on the subject at a global level, using, for this purpose, the Scopus Platform, which is configured as the largest database of revised literature in the world. At the end of the research, a scientific panorama was established that presented, in quantitative format, the production by areas, countries, universities, authors and journals between the years 2010 and 2022. Through it, it was possible to observe a significant increase in the number of publications linked to the areas of Social Sciences and Humanities during the Olympic periods, mainly between post-materialist and traditional countries within the sports scenario.

Keywords: Women in Sports. Scientific Indicators. Quantitative Research. Olympic Games.

INTRODUÇÃO

O pequeno enfeite de chuteiras pendurado à porta do quarto da maternidade já deixa claro para aqueles que por ali passam: o bebê recém-nascido é um menino. A associação é rápida, fácil e inquestionável, uma vez que não apenas o futebol, mas o esporte, em sua totalidade, "[...] foi pensado pelos homens e para os homens, marcando, desde seu início, a sua generificação"¹. Em outros termos, a figura feminina, em seu contexto histórico, sempre foi considerada um elemento estranho diante do universo desportivo.

Os anos, no entanto, passaram, e os avanços político-sociais conquistados pelo movimento feminista a partir do século XX oportunizaram a extensão da presença feminina nas mais diversas esferas – entre elas, a do esporte. Hoje, ainda que seja impossível afirmar igualdade de tratamento entre homens e mulheres neste campo (visto que casos de erotização, assédio e falta de valorização das atletas ainda são recorrentes na mídia vigente²), é inevitável mencionar a ampla diversidade de gênero finalmente presente nas Olimpíadas, que contou, em sua última edição, com 48,8% atletas mulheres no quadro de competidores³. Ademais, o argumento histórico de fragilidade do corpo

¹ GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. *Revista USP*, São Paulo, n. 108, p. 29-38, jan./mar. 2016. p. 31. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i108p29-38>.

² CASTRO, Juliana. Mulheres nas Olimpíadas: uniformes, participação e salários em pauta. *CNN Brasil*, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/mulheres-nos-jogos-uniformes-participacao-e-salarios-em-pauta/>. Acesso em: 08 set. 2023.

³ EM 2020, 48,8% dos participantes nas Olimpíadas são mulheres. *Nações Unidas Brasil*, 06 ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/139127-em-2020-488-dos-participantes-nas-olimp%C3%ADadas-s%C3%A3o-mulheres>. Acesso em: 08 set. 2023.



feminino em comparação ao dos homens tem se mostrado cada vez mais incoerente diante de seus desempenhos esportivos cada vez mais similares⁴.

Neste sentido, com a observação do histórico presente entre a figura feminina e sua participação nos Jogos Olímpicos, este trabalho objetiva mensurar e analisar a produção científica produzida sobre temas que contornam a relação entre mulheres e Olimpíadas em âmbito global. Propõe-se, especificamente, estabelecer um panorama científico que apresente, no formato quantitativo, a produção por áreas, países, universidades, autores e periódicos. Para o atingimento da finalidade proposta, optou-se pelo uso da Plataforma Scopus, a maior base de dados de literatura revisada do mundo.⁵

Quanto à disposição do presente estudo, o mesmo estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, exibem-se os procedimentos metodológicos com seus critérios de escolha⁶; na sequência, disserta-se sobre a relação entre mulheres e a prática esportiva, com foco no histórico da participação feminina nos Jogos Olímpicos⁷; em seguida, são

⁴ GARCIA, Carla. O gênero e as práticas esportivas das mulheres. Alguns pontos de discussão em psicologia social e do esporte. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 27, n. espec., p. 497-517, 2018. DOI: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2018v27i3p497-517>.

⁵ SCOPUS: BANCO DE dados de resumos e citações multidisciplinar, abrangente e confiável. *Elsevier*, c2023. Disponível em: <https://www.elsevier.com/pt-br/solutions/scopus>. Acesso em: 08 set. 2023.

⁶ ARAÚJO, Ronaldo; ALVARENGA, Lídia. A bibliometria na pesquisa científica da pós-graduação brasileira de 1987 a 2007. *R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, vol. 16, n. 31, p. 51-70, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2011v16n31p51>.; KRAUSKOPF, Erwin. An analysis of discontinued journals by Scopus. *Scientometrics*, [S.l.], vol. 116, i. 3, p. 1805-1815, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11192-018-2808-5>.; TOLVES, Tainara *et al.* Bibliometria da fisioterapia no Brasil: uma análise baseada nas especialidades da profissão. *Fisioter. Pesqui.*, São Paulo, vol. 23, n. 4, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-2950/16254423042016>.; VASCONCELOS, Yumara. Estudos Bibliométricos: Procedimentos Metodológicos e Contribuições. *Cient., Ciênc. Juríd. Empres.*, Londrina, vol. 15, n. 2, p. 211-220, set. 2014.

⁷ FIRMINO, Carolina; VENTUR, Mauro. A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição. *Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, vol. 5, n. 10, p. 247-260, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/3088/2822>. Acesso em: 04 set. 2023.; GARCIA, 2018.; GOELLNER, Silvana. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 19, n. 34, p. 45-52, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/vbn6CksZ5vyDDpKrCZPVMhS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 04 set. 2023.; GOELLNER, 2016.; JAEGER, Angelita. Gênero, Mulheres e Esporte. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 12, n. 01, p. 199-210, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2896/1532>. Acesso em: 04 set. 2023.; JANUÁRIO, Soraya. Mulheres em Notícia: a Cobertura Midiática da Seleção Feminina de Futebol nas Olimpíadas do Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499457700_ARQUIVO_artigooolimpiad asfazendo.pdf. Acesso em: 04 set. 2023.; RUBIO, Katia; SIMÕES, Antonio. De espectadoras a protagonistas: A conquistado espaço esportivo pelas mulheres. *Revista Movimento*, Porto Alegre, n. 11, p. 50-56. 1999. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2484>.



apresentadas as análises desenvolvidas e, por fim, expõem-se as considerações finais e referências.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Produção intelectual, acadêmica, de conhecimento, científica⁸; apesar de distintos, os termos sintetizam-se em um mesmo significado: referem-se a todo desenvolvimento documental a respeito de temáticas de interesse a determinadas comunidades intelectuais que contribuem para o progresso da Ciência através de novas perspectivas. Ainda para os autores, foi por meio de tais produções de conhecimento registradas que se iniciaram os estudos alusivos às técnicas bibliométricas, empregadas pela primeira vez no início do século XX e utilizadas como processo metodológico no presente estudo – que por sua vez objetiva mensurar e analisar a produção acadêmica produzida sobre mulheres no esporte em âmbito global.

A bibliometria, portanto, pode ser exposta como o estudo da produção, da disseminação e do uso de pesquisas registradas, no intento de responder questões voltadas para frequências e recortes de temas estipulados, entre outras indagações⁹. De caráter quantitativo, faz uso de recursos estatísticos para a avaliação objetiva dos campos científicos a serem determinados, mas entrega igualmente análises qualitativas por meio de sua conferência descritiva¹⁰. Ademais, o método bibliométrico também “[...] permite entender melhor a natureza das atividades de pesquisa desenvolvidas nas diferentes áreas do conhecimento, de diversos países, instituições e pesquisadores”¹¹, proporcionando aperfeiçoamento para os profissionais e posicionando-se como colaborador para a história e avanço social do conhecimento.

Isto posto, estipula-se para o atingimento do objetivo delineado na presente pesquisa uma consulta à base de dados Scopus¹², plataforma global de produções nas áreas de Ciência, Tecnologia, Medicina, Ciências Sociais, Artes e Humanidades. Considerado o maior banco de dados de citações e resumos da literatura com revisão

⁸ ARAÚJO; ALVARENGA, 2011.

⁹ TOLVES *et al.*, 2016; VASCONCELOS, 2014.

¹⁰ VASCONCELOS, 2014.

¹¹ TOLVES *et al.*, 2016, p. 406.

¹² SCOPUS. *Bem-vindo à visualização do Scopus*. c2023. Disponível em: <https://www.scopus.com>. Acesso em: 30 set. 2023.



por pares¹³, a Scopus abrange uma vasta gama de revistas científicas, livros, processos de congressos e publicações do setor, além de disponibilizar instrumentos que permitem o monitoramento, a análise e a visualização de pesquisas¹⁴.

Como critério de busca, foram aplicadas as palavras-chave “*women*” e “*Olympics*” – termos em inglês, idioma oficial da plataforma e das produções científicas globais, que viabilizaram resultados de pesquisa mais apurados. Importante ressaltar a decisão pela busca da palavra-chave “*Olympics*”, ao invés de “*Olympic Games*”, por se tratar de um termo mais recorrente, usado, inclusive, como endereço do site oficial das Olimpíadas¹⁵. Optou-se também por não inserir o termo “feminismo” (“*feminism*”, no inglês), visto que a proposta definida para o presente artigo presume resultados mais amplos, constituindo assim uma visão extensa no tocante à construção científica sobre tal temática. Logo, a redação final, de acordo com os parâmetros designados, retornou 1.213 obras, entre artigos, resenhas, livros, capítulos de livro e anais de evento, entre outros materiais acadêmicos¹⁶.

Dentre as preferências disponíveis para a consulta, além dos termos-chave já referidos, as seguintes particularizações foram aplicadas:

- No local onde os termos “*women*” e “*Olympics*” deveriam aparecer, selecionou-se “*Article Title, Abstract, Keywords*”;
- Na data de publicação, a opção marcada foi “*All years*” - “*Present*”;
- Na data de inserção à plataforma, seletou-se a opção “*Anytime*”;
- Após, clicou-se em “*Search*”.

A figura a seguir ilustra o modo como os campos de busca da plataforma foram assinalados.

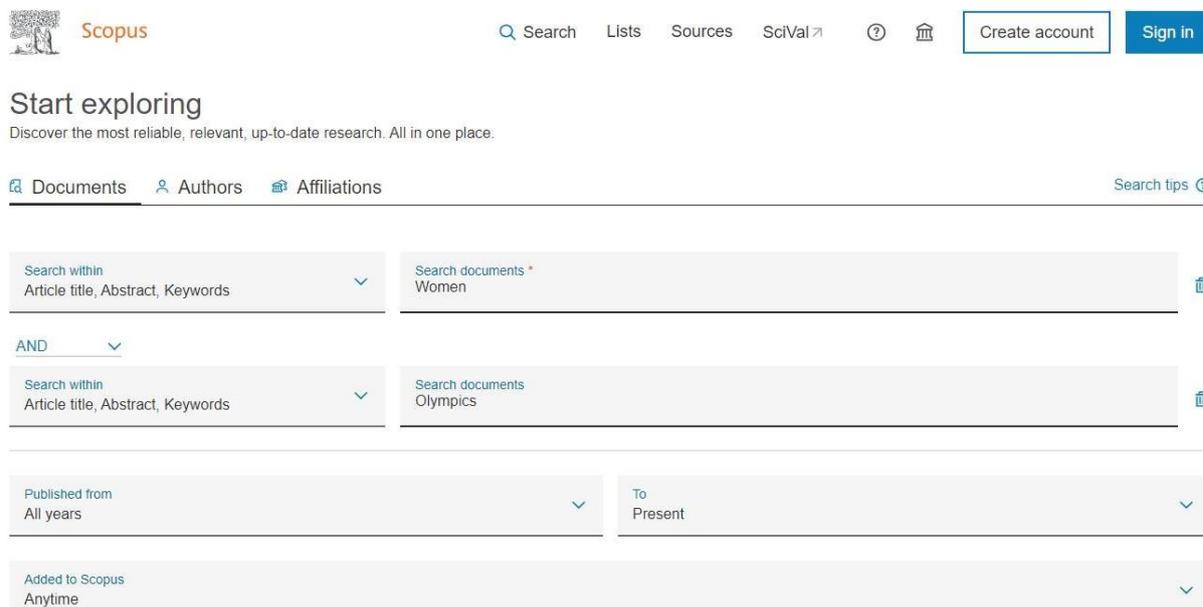
¹³ KRAUSKOPF, 2018.

¹⁴ SCOPUS: BANCO DE dados de resumos e citações multidisciplinar, abrangente e confiável, c2023.

¹⁵ OLYMPICS. c2023. Disponível em: <https://olympics.com/en/>. Acesso em: 30 set. 2023.

¹⁶ A referida busca foi realizada em 09 de agosto de 2023.

Figura 1 – Busca inicial do Scopus.



Fonte: *Screenshot* feito pelas pessoas pesquisadoras (2023).

#PraTodoMundoVer: Figura que mostra a tela inicial da Plataforma Scopus, com os menus Documents, Authors e Affilistions e os campos de busca Search Within, Search Documents, Published From, To e Added to Scopus.

Isto posto, discorre-se, na próxima seção, sobre a participação feminina ao longo da História dos Jogos Olímpicos.

UM POUCO DE HISTÓRIA: A RELAÇÃO ENTRE MULHERES E A PRÁTICA ESPORTIVA JUNTO A SUA PARTICIPAÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS

Com sua capacidade não apenas de lazer e espetáculo, mas também de influência na construção de identidades e do sentimento de pertencimento nacional, o esporte é entendido hoje pelas áreas de Sociologia e Antropologia como um dos grandes fenômenos socioculturais do século XXI¹⁷. Contudo, a suscetibilidade do campo desportivo aos padrões de dominância social referentes à variável de gênero se mostra bastante perceptível diante de um longo contexto histórico repleto de preconceitos e delimitações da figura feminina no que tange a prática de esportes – contexto este iniciado antes mesmo da Era Cristã, em 766 a.C.¹⁸.

¹⁷ JANUÁRIO, 2017.

¹⁸ JANUÁRIO, 2017; RUBIO; SIMÕES, 1999.



A data faz alusão ao ano inicial dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, sediados em Atenas, na Grécia. A cidade homenageia uma das grandes Deusas da Mitologia local, Athena, mas não reflete o tratamento recebido pelas mulheres atenienses da época; a cidadania não concedida à figura feminina reproduzia função excludente da vida pública, o que conseqüentemente a deixava de fora das Olimpíadas como participante e espectadora: “[...] Alijada de seus direitos enquanto cidadã, a mulher também é impedida de gozar do convívio social e das glórias concedidas aos competidores vencedores”¹⁹.

Assim o esporte impregnou-se, de forma geral, com as concepções sociais de masculinidade, como virilidade, resistência e velocidade²⁰. Como resultado, a mulher manteve-se distante ao longo dos séculos, como um elemento invasivo e anômalo dentro de tal espaço, e em 1896, com o renascimento dos Jogos Olímpicos, viu sua participação ser novamente barrada, desta vez por conta de sua capacidade física, uma vez que:

[...] a ideologia vitoriana apresenta as mulheres como fortes apenas no âmbito moral e espiritual, mas física e intelectualmente débeis. [...] mulheres e práticas esportivas não eram compatíveis, pois, os esportes as afastavam de seu destino como mães. A finalidade do exercício para elas devia ser educativa e terapêutica²¹.

Embora já seja de conhecimento público a participação não oficial de uma atleta em sua primeira edição, foi apenas em 1900 que os Jogos Olímpicos da Era Moderna passaram a aceitar, de maneira simbólica, a inserção de mulheres em suas competições, sendo golfe e tênis as únicas modalidades permitidas²². Mais tarde, em 1912, a natação feminina foi incluída entre as disputas das Olimpíadas de Estocolmo, e em 1928, durante sua sétima edição, o número de mulheres nas Olimpíadas chegou, enfim, a um percentual próximo de 10%²³. Os passos, porém, seguiram lentos: “O basquetebol, por exemplo, tardou 40 anos para ser disputado por mulheres; o futebol, 96 anos; o remo, 76; o ciclismo, 88; e algumas provas de lutas, mais de um século”²⁴. Tal generificação, como a própria autora rotula, muito se deve aos empecilhos impostos pelos próprios idealizadores do Jogos de 1896, além, claro, de todo o contexto histórico envolvendo o

¹⁹ RUBIO; SIMÕES, 1999, p. 52.

²⁰ RUBIO; SIMÕES, 1999.

²¹ GARCIA, 2018, p. 502.

²² FIRMINO; VENTUR, 2017.

²³ GOELLNER, 2016.

²⁴ GOELLNER, 2016, p. 32.



campo desportivo: o mito da fragilidade do corpo feminino quando comparado ao do homem.

A feminilidade sempre foi um dos focos principais em meio às discussões envolvendo mulheres e esporte. As atletas não podiam perder sua graciosidade e leveza, por isso, eram aconselhadas a praticarem apenas atividades específicas, que não comprometeriam suas características femininas. Tais atividades, por sua vez, deveriam pertencer apenas às rotinas de mulheres jovens e solteiras, no intento de não prejudicar suas atenções ao trabalho doméstico e à maternidade²⁵. A inserção da figura feminina no esporte, em linhas gerais, era encarada como uma forma de masculinizá-la, e “Mulheres atletas, com músculos, suadas e fortes ainda tinham uma imagem ofensiva e pouco feminina divulgada pela imprensa, o que dificultava ainda mais a aceitação pela sociedade em geral”²⁶. As constantes restrições (algumas delas, inclusive, por lei), foram cruciais no controle do corpo e da aparência feminina, bem como na contenção do avanço das mulheres em suas experiências desportivas, neutralizando ainda mais a desigualdade entre os sexos²⁷.

O universo esportivo é, portanto, um espaço de opressão feminina – mas transformou-se, também, em um espaço de lutas e contestações²⁸. Apesar de sua constante iniquidade de gênero perante as oportunidades atribuídas a homens e mulheres, a luta feminina por consolidação efetiva no esporte, ainda que de modo recente, vem ao encontro de sua presença ampliada nas mais diversas esferas sociais²⁹ – conquistas concedidas devido ao avanço do movimento feminista. “Em decorrência de formulações semelhantes à mencionada, os feminismos reclamaram às mulheres a sua condição de sujeito no esporte, analisando-o como um espaço político e, conseqüentemente, um lugar de resistência e transformação das relações de gênero”³⁰.

Sob uma nova perspectiva, discussões acerca das possibilidades de ampliação da participação feminina no esporte tornaram-se recorrentes entre feministas liberais e separatistas. Enquanto o primeiro grupo coloca-se em oposição à ideia de inferiorização biológica e defende a competição entre homens e mulheres de forma igualitária, o

²⁵ GARCIA 2018.

²⁶ FIRMINO; VENTUR, 2017, p. 255.

²⁷ JAEGER, 2006.

²⁸ JAEGER, 2006.

²⁹ RUBIO; SIMÕES, 1999; FIRMINO; VENTUR, 2017.

³⁰ GOELLNER, 2013, p. 49.



segundo grupo luta pela criação de um espaço particular às mulheres dentro do universo desportivo, no intento de eliminar o temor do assédio e fortalecer as alianças femininas³¹.

Independente das vertentes em questão, o fato é que o feminismo possui contribuição clara no crescimento da participação de mulheres em competições de alto rendimento, como é o caso das Olimpíadas³². Embora assimetrias historicamente construídas ainda estejam presentes na contemporaneidade, e aspectos como classe, raça e religião ainda impeçam a participação ativa das mulheres no esporte³³, mudanças de contexto têm ocorrido de forma mais incisiva desde 1994, com o movimento *Women and Sport* (com o apoio do Comitê Olímpico Internacional – COI). Posteriormente, em 2012, a edição de Londres consolidou enfim as conquistas femininas nos Jogos Olímpicos quando, “[...] pela primeira vez, elas puderam competir em todas as modalidades – com a inclusão do boxe – e não houve nenhuma nação que não tivesse uma delegação de mulheres”³⁴.

Por fim, a lacuna entre homens e mulheres no que diz respeito ao rendimento esportivo diminuiu, empoderou a figura da mulher atleta e ganhou espaço junto à relevância do próprio esporte no meio acadêmico. Deste modo, buscando atender ao objetivo proposto para este artigo, apresenta-se, a seguir, a análise bibliométrica realizada³⁵.

RESULTADOS E ANÁLISES

Para o início das discussões que envolvem a presente análise, delimitou-se, primeiramente, uma busca por publicações referentes a mulheres e Olimpíadas nos últimos 13 anos³⁶. O intervalo temporal sugerido configura o período de realização dos três mais recentes Jogos Olímpicos, ocorridos em 2012 (Londres), 2016 (Rio de Janeiro) e 2021 (Tóquio)³⁷. Além disso, é importante sublinhar que, das 1.213 obras encontradas,

³¹ GOELLNER, 2013; GARCIA, 2018.

³² GARCIA, 2018.

³³ JAEGER, 2006.

³⁴ FIRMINO; VENTUR, 2017.

³⁵ GARCIA, 2018; JANUÁRIO, 2017.

³⁶ A pesquisa realizada trouxe obras publicadas desde o ano de 1952. Entretanto, para uma mais adequada demonstração gráfico-visual, optou-se pela seleção dos últimos 13 anos.

³⁷ Com ocorrência de 4 em 4 anos, as olimpíadas de Tóquio 2020 foram adiadas para 2021 devido à pandemia de Covid-19. OLIMPÍADA DE TÓQUIO é adiada para 2021 por causa do coronavírus. *G1*, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/24/primeiro-ministro-do-japao-pede-para-adiar-olimpiadas-por-um-ano.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2023.



916 foram submetidas entre os anos de 2010 e 2022, somando assim mais de $\frac{1}{3}$ do resultado total entregue pela Scopus. Logo, é possível concluir que o interesse científico pela temática se consolidou em uma crescente, principalmente a partir de 2012 (Olimpíadas de Londres), tendo como máximas de produção os anos de 2016 (Olimpíadas do Rio de Janeiro), com 89 publicações, 2019, com 94, e 2021 (Olimpíadas de Tóquio), com 92 trabalhos apontados.

Gráfico 1 – Número de publicações anuais | Year (2010 a 2022).



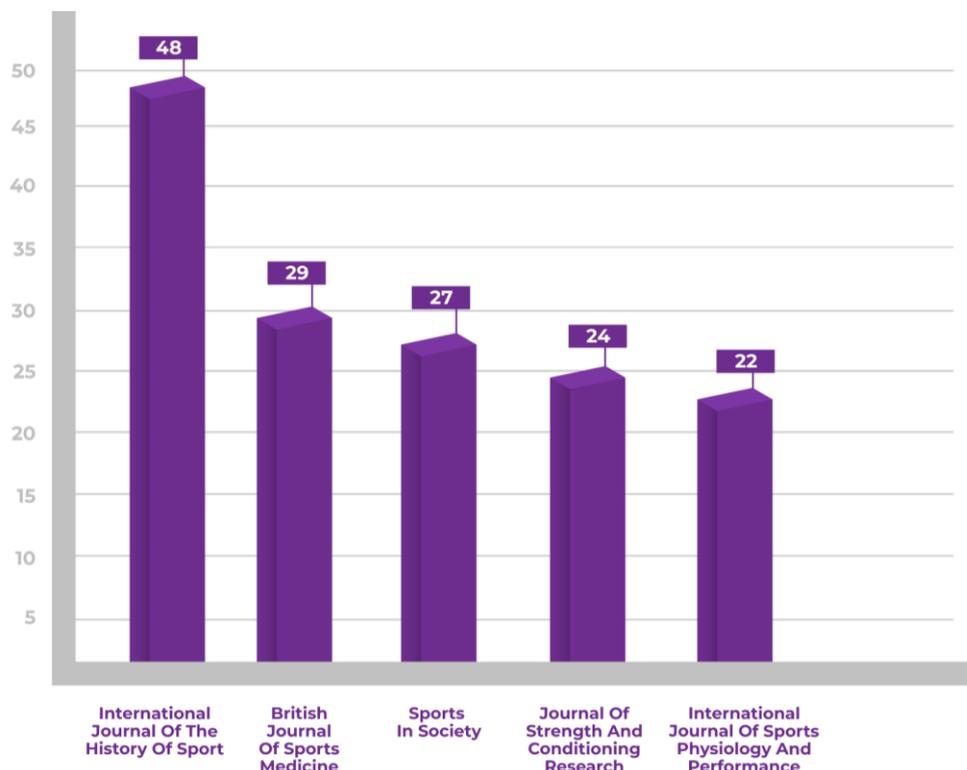
Fonte: Elaborado pelas pessoas pesquisadoras, a partir dos dados disponibilizados pela Scopus (2023).

#PraTodoMundoVer: Gráfico de barras verticais que mostra o número de publicações anuais, sendo que em 2022 foram 75 publicações, em 2021 foram 92 publicações, em 2020 foram 85 publicações, em 2019 foram 94 publicações, em 2018 foram 72 publicações, em 2017 foram 59 publicações, em 2016 foram 89 publicações, em 2015 foram 65 publicações, em 2014 foram 63 publicações, em 2013 foram 70 publicações, em 2012 foram 79 publicações, em 2011 foram 33 publicações e em 2010 foram 40 publicações.

Na sequência, o gráfico 2 exhibe os principais periódicos do período estipulado, com destaque para o *International Journal Of The History Of Sport*. Somando 48 publicações, o periódico integra a área de Ciências Sociais e Humanidades (com foco em História), assim como o terceiro colocado do ranking, *Sports In Society* (que pertence, exclusivamente, à área de Ciências Sociais). Já os demais resultados que compõem o gráfico - *British Journal Of Sports Medicine*, *Journal Of Strength And Conditioning Research* e *International Journal of Sports Physiology And Performance* – mostram-se procedentes de áreas vinculadas à Medicina do Esporte e Ciências da Saúde.



Gráfico 2 – Periódicos e número de publicações | *Source Title* (2010 a 2022).



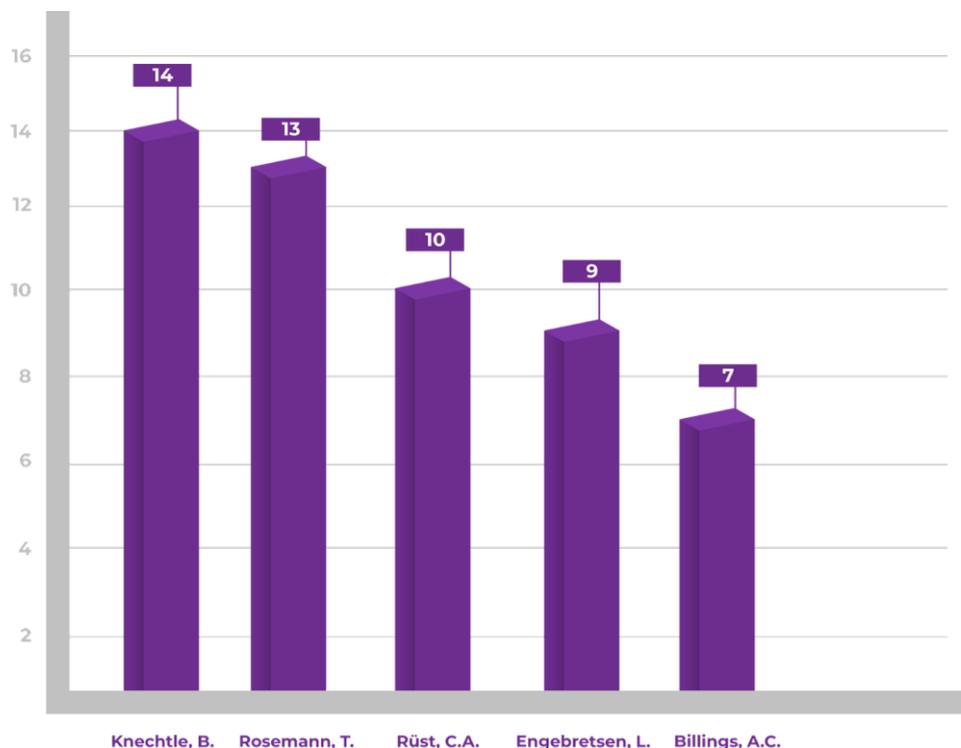
Fonte: Elaborado pelas pessoas pesquisadoras, a partir dos dados disponibilizados pela Scopus (2023)

#PraTodoMundoVer: Gráfico de barras verticais que mostra os periódicos e o número de publicações, sendo que o International Journal Of The History Of Sport tem 48 publicações, o British Journal Of Sports Medicine tem 29 publicações, o Sports In Society tem 27 publicações, o Journal Of Strength And Conditioning Research tem 24 publicações e o International Journal Of Sports Physiology And Performance tem 22 publicações.

Em se tratando de autores, Beat Knechtle detém o maior número de publicações, totalizando 14 trabalhos. O pesquisador apresenta, em sua maioria, materiais acadêmicos oriundos da área médica, assim como Thomas Rosemann e Christoph Rüst. Os três cientistas, inclusive, aparecem vinculados à mesma universidade (a Universidade de Zürich, na Suíça) e possuem parcerias de coautoria entre si na maior parte de seus artigos a respeito da temática observada. Nota-se também que tal prática de coautoria se estende como uma tendência para todos os pesquisadores relacionados – não havendo, portanto, discussões científicas registradas com um único autor. Por fim, completam o gráfico 3 Lars Engebretsen, da Universidade de Oslo, e Andrew C. Billings, da Universidade do Alabama.



Gráfico 3 – Autores e números de publicação | *Author Name* (2010 a 2022).



Fonte: Elaborado pelas pessoas pesquisadoras, a partir dos dados disponibilizados pela Scopus (2023).

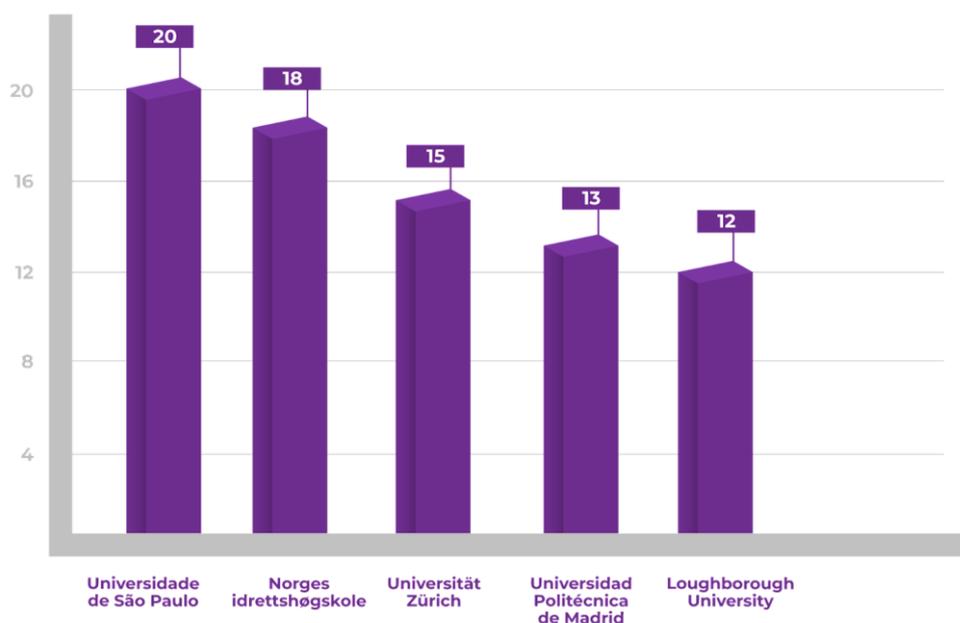
#PraTodoMundoVer: Gráfico de barras verticais que mostra os autores e o número de publicações, sendo que o Beat Knechtle tem 14 publicações, Thomas Rosemann tem 13 publicações, Christoph Rüst tem 10 publicações, Lars Engebretsen tem 9 publicações e Andrew Billings tem 7 publicações.

Do ponto de vista institucional, a Universidade de São Paulo apresenta-se no topo, com 20 publicações - sendo estas, principalmente, oriundas das áreas de Medicina e Ciências da Saúde. Dentre os destaques da USP, é possível mencionar as contribuições de Emerson Franchini, pesquisador no campo médico e coautor de 4 publicações, e de Katia Rubio, pesquisadora citada na fundamentação do presente estudo e coautora de 3 publicações no campo das Ciências Sociais. Além disso, conclui-se que a liderança de uma universidade brasileira na produção de materiais científicos sobre o tema reforça sua relevância no meio acadêmico nacional ao longo dos últimos anos³⁸. Ressalta-se também a Universidade de Zúrich, que, como já mencionado na análise anterior, está vinculada aos principais autores presentes no gráfico 3.

³⁸ JANUÁRIO, 2017.



Gráfico 4 – Instituições e número de publicações | *Affiliation* (2010 a 2022).



Fonte: Elaborado pelas pessoas pesquisadoras, a partir dos dados disponibilizados pela Scopus (2023).

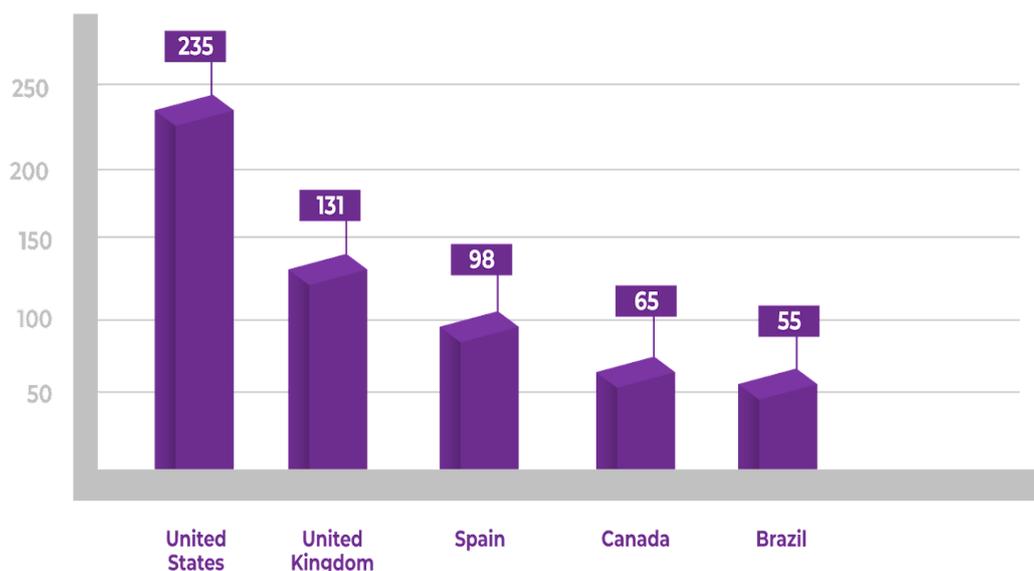
#PraTodoMundoVer: Gráfico de barras verticais que mostra as instituições de ensino superior e o número de publicações, sendo que a Universidade de São Paulo tem 20 publicações, a Norges idrettshøgskole tem 18 publicações, a Universität Zürich tem 15 publicações, a Universidad Politécnica de Madrid tem 13 publicações e a Loughborough University tem 12 publicações.

Os Estados Unidos são os maiores medalhistas da História dos Jogos Olímpicos da Era Moderna³⁹ – no que tange a categoria de publicações por país, ganham “medalha de Ouro” também na esfera científica: no total, dentre o intervalo de tempo selecionado para a coleta de dados, foram encontrados 235 resultados publicados em periódicos americanos, todos estes referentes ao tema abordado nesta pesquisa e, em sua maioria, pertinentes à área de Ciências Sociais. Na sequência, Reino Unido, Espanha, Canadá e Brasil – nações de tradição dentro das Olimpíadas – completam as informações do gráfico 5.

³⁹ MARTINS, Nivaldo. Os 20 países com mais medalhas na história das Olimpíadas. *Buenas dicas*, 19 jan. 2022. Disponível em: <https://www.buenasdicas.com/paises-medalhas-olimpiadas-12470/>. Acesso em: 10 set. 2023.



Gráfico 5 – Países e número de publicações | *Country/Territory* (2010 a 2022).



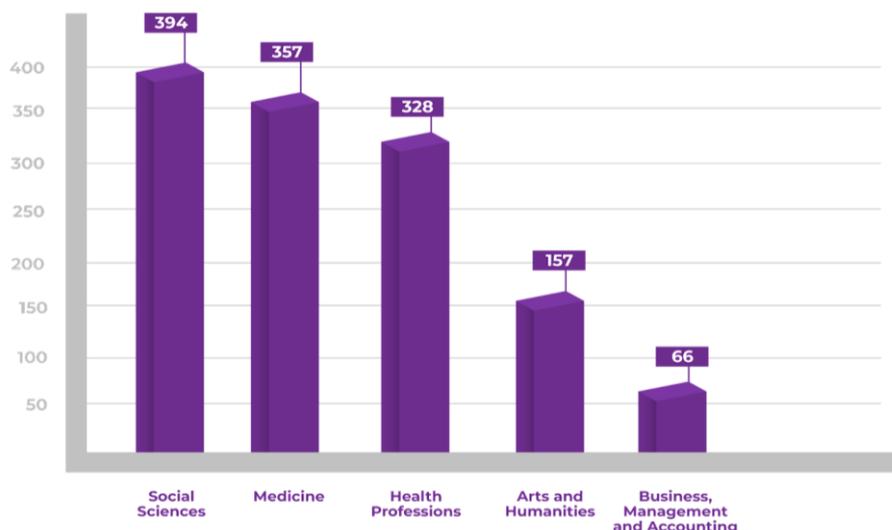
Fonte: Elaborado pelas pessoas pesquisadoras, a partir dos dados disponibilizados pela Scopus (2023).

#PraTodoMundoVer: Gráfico de barras verticais que mostra os países e o número de publicações, sendo que os Estados Unidos têm 235 publicações, o Reino Unido tem 131 publicações, a Espanha tem 98 publicações, o Canadá tem 65 publicações e o Brasil tem 55 publicações.

No que tange a categoria de áreas de estudo, conforme já sugestionado em análises anteriores, Ciências Sociais e Medicina possuem as maiores fatias de produções indexadas na Scopus, com 394 e 357 publicações, respectivamente. Ênfase para Andrew C. Billings, citado entre os resultados do gráfico 3, como maior autor do primeiro campo (7 publicações), e Lars Engebretsen, igualmente presente entre os 5 pesquisadores da terceira análise, como maior autor do campo médico (9 publicações). Integram o ranking, ainda, as áreas de Ciências da Saúde, Artes e Humanidades, e Negócios e Administração.



Gráfico 6 – Área e número de publicações | *Subject Area* (2010 a 2022).



Fonte: Elaborado pelas pessoas pesquisadoras, a partir dos dados disponibilizados pela Scopus (2023).

#PraTodoMundoVer: Gráfico de barras verticais que mostra a área e o número de publicações, sendo que as Ciências Sociais têm 394 publicações, a Medicina tem 357 publicações, as profissões vinculadas à área da saúde têm 328 publicações, Artes e Humanidades têm 157 publicações e a área de Negócios, Gestão e Contabilidade tem 66 publicações.

O quadro-síntese disposto a seguir apresenta os principais resultados quantitativos evidenciados pela pesquisa.

Quadro 2 – Síntese dos Resultados: Destaques quantitativos da busca sobre os termos *Women* e *Olympics*.

DESTAQUES QUANTITATIVOS DA BUSCA SOBRE OS TERMOS WOMEN E OLYMPICS		
ANO	2019	94
PERIÓDICO	International Journal Of The History Of Sport	48
AUTOR	Knechtle, B.	14
INST. DE ENSINO SUP.	Universidade de São Paulo	20
PAÍS	United States	235
ÁREA	Social Science	394

Fonte: Elaborado pelas pessoas pesquisadoras (2023).

#PraTodoMundoVer: Quadro que mostra os destaques quantitativos da busca sobre os termos *Women* e *Olympics*, sendo que em 2019 houveram 94 publicações, o periódico que mais publicou foi o *International Journal Of The History of Sport* com 48 publicações, Knechtle foi o autor que mais publicou tendo 14 trabalhos publicados, a Universidade de São Paulo publicou 20 trabalhos, os Estados Unidos publicaram 235 trabalhos e as Ciências Sociais publicaram 394 trabalhos.



Diante dos dados coletados, em proposição a uma maior discussão analítica, é importante ressaltar também que, sob a ótica específica do empoderamento feminino, os números de publicações estão igualmente em expansão, ainda que não sejam expressivos. Com as palavras “*feminist*”, “*feminism*”, “*empowerment*” e “*gender equity*” adicionadas de forma secundária à busca principal, foram encontrados 233 resultados - quase $\frac{1}{5}$ da produção total de trabalhos científicos que abrangem a relação entre mulheres e a prática esportiva. Destes, 194 foram disponibilizados entre os anos de 2010 e 2022, com destaque, novamente, para os períodos que circundam os Jogos Olímpicos: 2012 e 2013, com 17 pesquisas cada; 2015 e 2016, com 18 e 24, respectivamente; 2019, com 21 trabalhos; e 2021, também com 17 publicações.

Em se tratando de áreas de estudo, os resultados mostram-se similares aos dados gerais, com destaque para os campos de Ciências Sociais e Humanidades. O mesmo acontece com a categoria de nacionalidades, que tem como líderes de publicações os Estados Unidos e o Reino Unido. A relação entre o número de trabalhos realizados por país dentro de cada grande área de pesquisa está disposta no quadro a seguir.

Quadro 3 – Números de produções sobre empoderamento feminino vinculadas às grandes áreas de pesquisa, por país.

RELAÇÃO PAÍSES X ÁREAS DE PESQUISA PARA ESTUDOS VOLTADOS AO EMPODERAMENTO FEMININO					
	CIÊNCIAS SOCIAIS	ARTES E HUMANIDADES	CIÊNCIAS DA SAÚDE	MEDICINA	NEGÓCIOS E ADMINISTRAÇÃO
ESTADOS UNIDOS	57	20	5	5	3
REINO UNIDO	33	10	5	5	6
CANADA	12	8	3	2	0
AUSTRÁLIA	11	1	1	1	3
ESPANHA	3	0	1	1	1

Fonte: Elaborado pelas pessoas pesquisadoras (2023).

#PraTodoMundoVer: Quadro que mostra os números de produções sobre empoderamento feminino vinculadas às grandes áreas de pesquisa, por país, sendo que os Estados Unidos tem 57 publicações na área de Ciências Sociais, 20 publicações na área de Artes e Humanidades, 5 publicações na área de Ciências da Saúde, 5 publicações na área da Medicina e 3 publicações na área de Gestão, Negócios e

Administração. O Reino Unido tem 33 publicações na área de Ciências Sociais, 10 publicações na área de Artes e Humanidades, 5 publicações na área de Ciências da Saúde, 5 publicações na área da Medicina e 6 publicações na área de Gestão, Negócios e Administração. O Canadá tem 12 publicações na área de Ciências Sociais, 8 publicações na área de Artes e Humanidades, 3 publicações na área de Ciências da Saúde, 2 publicações na área da Medicina e 0 publicações na área de Gestão, Negócios e Administração. A Austrália tem 11 publicações na área de Ciências Sociais, 1 publicação na área de Artes e Humanidades, 1 publicação na área de Ciências da Saúde, 1 publicação na área da Medicina e 3 publicações na área de Gestão, Negócios e Administração. A Espanha tem 57 publicações na área de Ciências Sociais, 20 publicações na área de Artes e Humanidades, 5 publicações na área de Ciências da Saúde, 5 publicações na área da Medicina e 9 publicações na área de Gestão, Negócios e Administração.

Nota-se, portanto que, conforme já posto anteriormente, os números encontrados através dos filtros específicos de empoderamento feminino seguem uma tendência de crescimento semelhante aos dados que abrangem estudos sobre mulheres e esporte de forma geral, com ênfase para os anos próximos aos eventos Olímpicos ocorridos entre 2010 e 2022. O interesse pela temática em períodos tão recentes pode estar associado à contemporaneidade do debate feminista, fundamentalmente sob a perspectiva humana e social - estando este, por sua vez, bastante presente em regiões pós-materialistas, como é o caso dos países citados entre os resultados.

Destarte, apresentam-se na sequência as conclusões delineadas para este trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, compreendendo a relação histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos, objetivou mensurar e analisar a produção acadêmica produzida sobre os contornos entre mulheres e Olimpíadas em âmbito global. Buscou-se, prioritariamente, construir um panorama científico que apresentasse, no formato quantitativo, a produção por áreas, países, universidades, autores e periódicos entre os anos de 2010 e 2022. A fim de atingir o objetivo desejado, optou-se pelo uso da Plataforma Scopus, maior base de dados e documentos científicos do mundo.

Neste sentido, constata-se que um crescimento significativo de produções relacionadas ao tema pode ser observado a partir de 2012, ano em que as Olimpíadas contaram com atletas femininas em todas as suas modalidades esportivas pela primeira vez. Ainda, os períodos olímpicos de 2016 (Rio de Janeiro) e 2021 (Tóquio), bem como os anos que antecederam o evento (2019 e 2020, por questões de covid-19),

apresentaram os maiores números de produção científica dentre o intervalo de tempo estipulado.

Referente aos periódicos com o maior número de materiais científicos indexados na Scopus, *International Journal Of The History Of Sport* e *British Journal Of Sports Medicine*, são oriundos das áreas de Ciências Sociais e Medicina, nesta ordem. Tais campos também se acentuam como os mais relacionados junto às publicações referentes ao tema, além também das áreas de Ciências da Saúde, Artes e Humanidades, e Negócios e Administração.

Sob o prisma autoral, embora as produções observadas se relacionem de forma direta a questões de gênero, percebe-se uma representação restrita da própria pesquisa feminina, visto que os autores com o maior número de publicações na área são homens. Ainda que tais discussões não tenham sido identificadas neste estudo como pesquisas vinculadas às temáticas de equidade de gênero e empoderamento, é possível questionar tal lacuna diante do lugar de fala das próprias mulheres a respeito de seus corpos, saúde e bem-estar, condições sociais, reivindicações e direitos civis.

Para além desta constatação, é possível observar também que os três primeiros autores mapeados não apenas estão vinculados à mesma universidade, como também possuem trabalhos publicados em coautoria - prática que, inclusive, caracteriza a maior parte dos textos científicos encontrados. A Academia em questão é a Universidade de Zürich, presente no ranking de instituições na terceira posição. O destaque, no entanto, fica para a liderança da Universidade de São Paulo - resultado que reforça o interesse do meio acadêmico brasileiro pela temática.

No que diz respeito aos países de maior produção, os Estados Unidos, federação de exímia tradição no esporte e grande campeã das Olimpíadas, detém o primeiro lugar do ranking também na esfera científica. Após, aparecem Reino Unido, Espanha, Canadá e Brasil, países igualmente tradicionais e de bom desempenho ao longo da História dos Jogos.

Já com a delimitação dos resultados para um enfoque voltado ao empoderamento feminino, também foi possível detectar um aumento no número de produções entre 2010 e 2022, principalmente em períodos próximos aos Jogos Olímpicos. Com trabalhos nas áreas de Ciências Sociais e Humanidades - que reforçam



o vínculo e a importância do tema nestas perspectivas - os destaques territoriais ficam para Estados Unidos e Reino Unido, países pós-materialistas e já avançados em meios às discussões feministas.

Ao final desta pesquisa, entende-se que o objetivo proposto foi, assim, atingido. Como sugestão de estudos futuros, sugere-se, por exemplo, a realização deste mapeamento em outros bancos de dados, como Redalyc, Periódicos da Capes, Scielo e Web of Science. Possibilita-se, também, uma avaliação mais detalhada em relação à autoria das publicações vinculadas aos termos “feminist”, “feminism”, “empowerment” e “gender equity”, no que tange a perspectiva de gênero destes autores, bem como a adição de outras palavras-chave para além daquelas propostos neste trabalho, a fim de adquirir uma maior delimitação nos resultados apresentados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ronaldo; ALVARENGA, Lídia. A bibliometria na pesquisa científica da pós-graduação brasileira de 1987 a 2007. *R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, vol. 16, n. 31, p. 51-70, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p51/1775>. Acesso em: 29 set. 2023.

CASTRO, Juliana. Mulheres nas Olimpíadas: uniformes, participação e salários em pauta. *CNN Brasil*, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/mulheres-nos-jogos-uniformes-participacao-e-salarios-em-pauta/>. Acesso em: 08 set. 2023.

EM 2020, 48,8% dos participantes nas Olimpíadas são mulheres. *Nações Unidas Brasil*, 06 ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/139127-em-2020-488-dos-participantes-nas-olimp%C3%ADadas-s%C3%A3o-mulheres>. Acesso em: 08 set. 2023.

FIRMINO, Carolina; VENTUR, Mauro. A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, vol. 5, n. 10, p. 247-260, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/3088/2822>. Acesso em: 04 set. 2023.

GARCIA, Carla. O gênero e as práticas esportivas das mulheres. Alguns pontos de discussão em psicologia social e do esporte. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 27, n. espec., p. 497-517, 2018. DOI: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2018v27i3p497-517>.



GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 19, n. 34, p. 45-52, 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tem/a/vbn6CksZ5vyDDpKrCZPWMhS/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 04 set. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. *Revista USP*, São Paulo, n. 108, p. 29-38, jan./mar. 2016. DOI:

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i108p29-38>.

JAEGER, Angelita. Gênero, Mulheres e Esporte. *Revista Movimento*, Porto Alegre, vol. 12, n. 01, p. 199-210, 2006. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2896/1532>. Acesso em: 04 set. 2023.

JANUÁRIO, Soraya. Mulheres em Notícia: a Cobertura Midiática da Seleção Feminina de Futebol nas Olimpíadas do Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis, 2017. Disponível em:

http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499457700_ARQUIVO_artigooolimpiadasfazendo.pdf. Acesso em: 04 set. 2023.

KRAUSKOPF, Erwin. An analysis of discontinued journals by Scopus. *Scientometrics*, [S.l.], vol. 116, i. 3, p. 1805-1815, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11192-018-2808-5>.

MARTINS, Nivaldo. Os 20 países com mais medalhas na história das Olimpíadas. *Buenas dicas*, 19 jan. 2022. Disponível em: <https://www.buenasdicas.com/paises-medalhas-olimpiadas-12470/>. Acesso em: 10 set. 2023.

OLIMPÍADA DE TÓQUIO é adiada para 2021 por causa do coronavírus. *G1*, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/24/primeiro-ministro-do-japao-pede-para-adiar-olimpiadas-por-um-ano.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2023.

OLYMPICS. c2023. Disponível em: <https://olympics.com/en/>. Acesso em: 30 set. 2023.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antonio. De espectadoras a protagonistas: A conquistado espaço esportivo pelas mulheres. *Revista Movimento*, Porto Alegre, n. 11, p. 50-56. 1999. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2484>.

SCOPUS: BANCO DE dados de resumos e citações multidisciplinar, abrangente e confiável. *Elsevier*, c2023. Disponível em: <https://www.elsevier.com/pt-br/solutions/scopus>. Acesso em: 08 set. 2023.

SCOPUS. *Bem-vindo à visualização do Scopus*. c2023. Disponível em: <https://www.scopus.com>. Acesso em: 30 set. 2023.

TOLVES, Tainara *et al.* Bibliometria da fisioterapia no Brasil: uma análise baseada nas especialidades da profissão. *Fisioter. Pesqui.*, São Paulo, vol. 23, n. 4, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-2950/16254423042016>.



VASCONCELOS, Yumara. Estudos Bibliométricos: Procedimentos Metodológicos e Contribuições. *Cient., Ciênc. Juríd. Empres.*, Londrina, vol. 15, n. 2, p. 211-220, set. 2014.

Recebido em: 25 out. 2023.

Aceito em: 10 dez. 2024.